

ANÁLISES DE LIVROS

EPILEPSY AND THE FAMILY. RICHARD LECHTENBERG. ISBN 0-674-25897-5. UM VOLUME (14 X 21 CM) COM 254 PÁGINAS. CAMBRIDGE, MASSACHUSETTS, 2002; HARVARD UNIVERSITY PRESS (79 GARDEN STREET, CAMBRIDGE, MASS 02138, USA).

Este autorizado e bem escrito livro trata compreensivamente de todos os aspectos da epilepsia. O autor é professor de neurologia numa escola de medicina nos Estados Unidos e tem um interesse especial em pacientes com epilepsia. Cada capítulo tem informações que neurologistas brasileiros podem usar para tratar melhor os seus pacientes com convulsões. Exemplos: O remédio mais seguro para mulheres grávidas ou lactantes com convulsões é carbamazepina. Ou, os relativamente novos remédios para epilepsia como gabapentina, lamotrigina e topiramato não são mais eficazes do que os outros remédios e as complicações e efeitos adversos no uso durante muitos anos não são conhecidos, além dos seus preços bem mais altos. Professor Lechtenberg inclui de vez em quando notas históricas sobre o tratamento de desordens convulsivas; por exemplo, fenobarbital, o primeiro remédio seguro e eficaz contra convulsões foi descoberto em 1912, mas o segundo remédio seguro, fenitoina não foi descoberto até 1938.

Mas na nossa opinião este livro tem uma limitação que o leitor deve entender. Os pacientes epiléticos que o professor

norte-americano trata não são típicos dos pacientes que um outro neurologista, pediatra, ou médico da família encontra e trata. Em geral, o professor trata pacientes que não obtiveram bons resultados com tratamentos anteriores, ou que têm características especiais. Portanto, a opinião que ele tem do tratamento da epilepsia tem a tendência a ser mais pessimista do que as opiniões dos médicos que são os primeiros a encontrar e tratar pacientes. Também, Dr. Lechtenberg apresenta pacientes com aspectos raríssimos e às vezes ele não indica claramente a raridade do fenômeno. Por exemplo, ele descreve um paciente que teve uma convulsão grande mal cada vez que ele olhava para a esquerda sem virar a cabeça.

Mas, se o leitor identifica estas limitações do livro, este é o melhor volume sobre epilepsia que nós encontramos em várias décadas lendo livros sobre este assunto.

A.H. Chapman
Elza A. Nonato

HARD SCIENCE, HARD CHOICES. FACTS, ETHICS AND POLICIES GUIDING BRAIN SCIENCE TODAY. SANDRA J. ACKERMAN. UM VOLUME (14 X 21 CM) COM 152 PÁGINAS. ISBN 1-932594-02-7. WASHINGTON, DC, 2006; DANA PRESS, 900 15 TH STREET NW, WASHINGTON, DC, 2005, USA).

Este excelente e bem escrito livro trata das controvérsias que as modernas tecnologias de neurociências estão precipitando nos países onde essas tecnologias agora são comuns.

Por exemplo, o fato que uma pessoa vai ter a doença de Huntington pode ser descoberta por FRMI (funcional ressonância magnética imagem). Deve esta informação ficar acessível somente para a pessoa, ou deve ela também ficar acessível à noiva, possível empregador, seguradoras de saúde e outras pessoas que tem um interesse no futuro (com incapacidade e morte ao 20 ou 30 anos no futuro) de tal pessoal?

Em 2005 o caso de Terri Schiavo na Florida, USA foi um assunto divulgado nacionalmente na televisão e nos jornais. Ela sofreu morte cerebral, e os parentes dela ficaram divididos em dois grupos. Um grupo que pensava que os aparelhos que sustentavam a vida dela deveriam ser desligados, e o outro grupo pensava que talvez existisse uma pequena possibilidade de recuperação. Em qualquer dia nos Estados Unidos há mais ou menos 15.000 pessoas nesta situação. Estas decisões envolvem fatores morais, legais, religiosos e sociais. Existe uma pessoa, ou um grupo de pessoas, com o direito de decidir se uma outra pessoa deve ser eliminada, desligando os aparelhos que sustentam a vida? Quem deveria fazer a decisão? O marido de Terri Schiavo, ou os pais, ou os filhos adultos, ou uma tribuna que considerava todos os dados?

Existem agora remédios que aumentam a capacidade dos atletas, e também existem remédios que aumentam durante algumas horas ou dias a capacidade de um estudante em lembrar e mobilizar dados acadêmicos. Estudantes realizando provas de vestibulares ou outras provas importantes devem ter a permissão ou proibição para utilizar tais remédios? Ou como que universidades vão fiscalizar esses estudantes sem invadir as privacidades? E que órgão vai pagar para os caros exames para fiscalizar estas situações?

Neurologistas, psiquiatras, clínicos, advogados, filósofos e outros profissionais estão debatendo tudo isso, em conferências, livros e artigos profissionais e para público geral.

Neurociência também está invadindo o sistema legal nos Estados Unidos. Agora pode ficar determinado se uma pessoa está dizendo a verdade ou mentindo, por FRMI e PET (foton emissão tomografia). Associado com este assunto está o problema de memórias falsas. Uma pessoa com uma memória falsa está dizendo coisas falsas, mas com a convicção que ela está dizendo a verdade, sobre acontecimentos (um ato criminal, por exemplo) que ela viu, devido a distorções nas suas observações ou na sua memória do evento. Devem pessoas acusadas de crimes serem forçados a submeter-se a estes exames? Isso é um problema constitucional nos Estados Unidos desde que a constituição americana claramente estabelece que nenhuma pessoa deve ser

forçada a testemunhar contra ele mesmo. Provavelmente vão precisar muitos anos e muitas decisões das tribunas superiores nos Estados Unidos para resolver estas controvérsias. As mesmas perguntas estão surgindo na Grã Bretanha e alguns países da Europa Ocidental. Na América do Sul, África e várias partes de Ásia os custos altos destes exames e a falta de médicos, técnicas e equipamentos sofisticados para utiliza-los estão empurrando estas situações para o futuro.

Este livro dá as opiniões, perguntas e decisões de sessenta

autoridades americanos sobre este vasto assunto, numa conferência em Washington, DC em 2005. A palavra neuroética encapsula o campo todo

Este livro é altamente recomendados aos neurologistas, psiquiatras, clínicos, advogados e juizes do Brasil. Estes problemas vão chegar finalmente no Brasil. Estejam preparados.

A.H. Chapman

MANUAL DE ELETRONEUROMIOGRAFIA E POTENCIAIS EVOCADAS CEREBRAIS PARA A PRÁTICA CLÍNICA. JOÃO ANTONIO MACIEL NÓBREGA, GILBERTO MASTROCLA MANZANO. UM VOLUME (18 X 25 CM) EM BROCHURA COM 70 PÁGINAS. ISBN 978-85-7379-949-1. SÃO PAULO, 2007: ATHENEU (RUA JESUINO PASCAL 30, SÃO PAULO SP; E-MAIL: atheneu@atheneu.com.br).

João Antonio Maciel Nóbrega e Gilberto Mastrocla Manzano descrevem neste breve manual com grande precisão e clareza os principais pontos nodais da eletroneuromiografia.

O prefácio, escrito pelo Prof. Jun Kimura já evidencia a importância do material apresentado. O livro é dividido em 3 capítulos e 1 índice remissivo. No primeiro capítulo é feita uma introdução à fisiologia do sistema nervoso e do sistema motor.

O segundo capítulo é dedicado ao exame eletroneuromiográfico, detalhando técnicas e exemplos clínicos.

O terceiro capítulo escrito em colaboração com Nadia Nader Mangini e Lydia Maria Pereira Giuliano apresenta os potenciais evocados cerebrais com aspectos técnicos e aplicações clínicas. No final de cada capítulo são sugeridos referenciais bibliográficos pertinentes.

Este manual já é obrigatório para todos os residentes de Neurologia, Neurofisiologia e para os estudiosos das Neurociências.

José Antonio Livramento

CEFALÉIAS NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA. MARCO A. ARRUDA, VINCENZO GUIDETTI (EDS). UM VOLUME (21 X 28 CM) EM BROCHURA, COM 222 PÁGINAS. RIBEIRÃO PRETO, 2007: GLIA.

Vincenzo Guidetti e Marco A. Arruda são professores universitários, o primeiro na Universidade de Roma, o segundo da Universidade de São Paulo. Ambos são membros do Subcomitê de Cefaléias na Infância e Adolescência da International Headache Society. Juntos editaram este livro em que reuniram a experiência de eminentes especialistas nacionais e estrangeiros, principalmente italianos, mas também norte-americanos, austríacos, holandeses e húngaros.

A matéria abrange treze capítulos: (1) introdução, incluindo conceitos, definições e aspectos gerais das cefaléias; (2) aspectos epidemiológicos; (3) avaliação da criança com cefaléia, incluindo a anamnese, a avaliação psicológica e o exame físico da criança com cefaléia; (4) a investigação complementar; (5) a comorbidade psiquiátrica; (6) a qualidade de vida na criança com cefaléia; (7) a migrânea, incluindo aspectos genéticos, mecanismos envolvidos no desencadeamento dos ataques, as peculiaridades da migrânea na infância, as suas complicações, os princípios gerais do tratamento, o tratamento das crises e o tratamento profilático; (8) a cefaléia de tipo tensional; (9) a cefaléia crônica diária em crianças e adolescentes; (10) aspectos evolutivos das cefaléias primárias, de 0 a 18 anos; (11) o efeito place-

bo; (12) a terapia cognitivo-comportamental; (13) temas especiais, incluindo cefaléias primárias incomuns na infância, cefaléias secundárias na infância e adolescência, cefaléia e rinossinusites, cefaléias e erros de refração, sono e cefaléias na infância e adolescência, cinetose, vertigem e migrânea e cefaléia como urgência pediátrica.

Trata-se de obra bem redigida e apresentada, clara, abrangente, incluindo 31 tabelas e 25 figuras em que são destacados aspectos relevantes, notas conceituais, tópicos diagnósticos e observações de utilidade prática.

Em relação ao conteúdo, merecem destaque a clareza e a didática com que são tratados os temas objeto do livro. Apesar das características particulares de cada um dos autores, o livro mantém uma notável unidade conceitual. Os diversos temas, todos muito oportunos, estão integrados num conjunto harmônico e bem estruturado.

É leitura recomendada para generalistas, pediatras, neuropediatras e cefaliatras, principalmente quando sua atividade profissional incluir doentes nesta faixa etária.

Luís dos Ramos Machado